

A realidade das coisas: o olhar-que-vê, Gérard Castello-Lopes

*The reality of things: the eye-that-sees,
Gérard Castello-Lopes*

ANABELA ANTUNES ALVES MOTA*

Artigo completo submetido a 30 de dezembro de 2015 e aprovado a 10 de janeiro de 2016.

*Portugal, artista plástico. Licenciatura em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (FBAUL), aluna no Mestrado em Pintura, FBAUL.

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes (FBAUL). Largo da Academia Nacional de Belas Artes, 1249-058 Lisboa. Email: aamota@gmail.com

Resumo: Neste artigo pretende-se explorar a relação entre o olhar-que-vê (o olhar do fotógrafo), o real e o mistério, considerando a obra *A Pedra* realizada por Gérard Castello-Lopes. Trata-se, no fundo, de procurar aproximações nesse tecer invisível, que constitui o próprio olhar e a sua natureza, entre o olhar-que-vê e a descoberta de caminhos que se combinam e se encontram num mesmo olhar, onde a visibilidade do mistério acontece.

Palavras-chave: olhar / real / mistério / arte.

Abstract: *In this paper we intend to explore the relationship between the eye-that-sees (the eye of the photographer), the real and the mystery, considering the work *The Stone* by Gérard Castello-Lopes. The aim is basically to explore several approaches to such invisible weaving, that constitutes the very seeing and its nature, between the eye-that-sees and the discovery of parallel paths that combine and meet in the same vision where the visibility of mystery occurs.*

Keywords: vision / real / mystery / art.

Introdução

A partir daí, podia dedicar-me à tentativa de capturar com a Leica, algo que, confusamente, sempre zumbiu dentro de mim: o paradoxo da realidade, a convicção de que as aparências iludem, de que as coisas não são aquilo que parecem, e que o que sabemos empobrece ou apaga o deslumbramento que a beleza do mundo deveria desencadear em nós (Castello-Lopes, 2004: 27).

Aborda-se a obra *A Pedra* (Figura 1) e a relação que ela estabelece com a realidade. A presença dominante de uma enorme rocha, aparentemente suspensa numa instabilidade estável, cria um contraste visual onde a tensão parece acontecer na relação com o vazio, com o abismo subentendido, uma suspensão que põe em causa a estabilidade visual e poética. Neste aparente desequilíbrio entre elementos familiares e elementos subentendidos parece residir o mistério que instaura uma estranheza nos olhares atentos às experiências do mundo. Pode-se dizer que, numa tentativa de evocação (e não revelação) do mistério, a obra acontece. Mas de que falamos quando falamos de mistério? O mistério está indubitavelmente presente como uma das características da linguagem poética. Através dos seus jogos sobre o que é ‘ver’, dos paradoxos e ilusões semânticas, a linguagem cria ou evoca o abismo da dúvida. Ponty, ao referir-se ao ‘ver’ (“esta pequena palavra”) afirma: “A visão não é um certo modo de pensamento ou da presença de si: é o meio que me é dado de estar ausente de mim mesmo, de assistir de dentro à fissão do Ser, no final da qual somente, me fecho sobre mim (Ponty, 2009: 64).”

Neste sentido a obra de Castello-Lopes revela a realidade metafísica na medida em que transcende o mundo dos fenómenos e é dessa forma que se manifesta a sensibilidade e a intuição na busca pela verdade, que parece acontecer por detrás de tudo o que é visível. O lugar secreto de todas as ‘coisas’, “(...) consiste não em fazer ver o invisível, mas em fazer ver até que ponto é invisível a invisibilidade do visível” (Foucault, 1988: 64). Poder-se-á dizer que toda a obra de Castello-Lopes é um questionar sobre o sujeito/objecto e sobre a importância do olhar nascente como espaço para que a realidade possa ser vista, e não a categorização que fazemos dela e que nos impede, muitas vezes, de *ver*. É “rompendo com a pele das coisas, para mostrar como as coisas se tornam coisas e o mundo, mundo” (Ponty, 2009: 56) que o mistério acontece, esse ser não sendo.

O olhar-que-vê: *A Pedra*, o mistério revelado

A experiência que temos do mundo passa também pelo olhar, geralmente um olhar superficial, sem consciência do que o ver pode implicar na exploração de

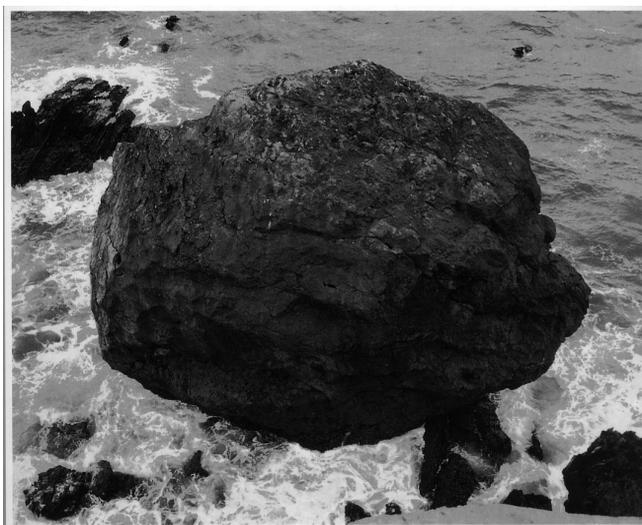


Figura 1 - Gérard Castello-Lopes,
A Pedra, 1987.

possibilidades de ser no mundo. Existimos em *mise en abyme* (André Gide) sem darmos conta, prisioneiros da visão que fomos construindo do mundo. Habitamos o mundo questionando raramente a sua natureza e a definição que dele fazemos. O mundo existe porque nos espanta e é isso que esquecemos.

Que relação é esta, que ver é este que a Arte nos propõe e que coisa é esta a que chamamos real? “A arte faz brotar a verdade” (Heidegger, 2014). Podemos, talvez, afirmar que a importância da arte de Castello-Lopes, e da arte em geral, se instaura na natureza sensível que acontece na nossa relação direta com o mundo.

Retornemos à fotografia (Figura 1). *A Pedra* foi para Castello-Lopes uma revelação, um milagre, foi *a* Fotografia. Para o autor:

Há datas que se fixam: 28 de Agosto de 1987. Nesse dia a luz correspondia ao que mais gostava quando comecei o meu primeiro percurso fotográfico. Era clara, relativamente intensa, mas suficientemente difusa para que todos os detalhes fossem aparentes. (...) vi a pedra. (...) mas tive a noção de que estava ali uma fotografia como, suponho, nunca tirei.

(...) Foquei a pedra e tirei uma fotografia. Uma fotografia. E soube, desde o princípio — coisa que acontece raramente —, que tinha feito uma fotografia importante. (...)

(...) Costumava dizer que, se depois do meu desaparecimento subsistisse qualquer coisa, seria provavelmente a pedra. E como sabe, tenho a ideia de que não fui eu que fotografei a pedra, a pedra é que se deixou fotografar. Para mim foi um verdadeiro

milagre! As condições de luz eram perfeitas, as condições do mar eram perfeitas, tive a sorte de lá estar...(Castello-Lopes, 2004).

Sabe-se que “Gérard terá voltado ao lugar mágico várias vezes, ao longo dos anos, mas nunca mais conseguiu reproduzir o milagre” (Calado, 2012:71).

Aconteceu, nas palavras do autor, algo da ordem do misterioso. O instante em que o fotógrafo, estando lá, foi tomado pelo próprio mistério; mistério que o fotógrafo desconhece, que não busca, e que se revelou naquilo que fotografa. Esse mistério apresenta-se num *instante decisivo* (Cartier-Bresson, 2004), único, irrepetível. E o mistério faz-se revelação, através da fotografia. Os ingredientes presentes na fotografia podem permanecer no tempo e no espaço, mas o mistério, esse retira-se para permanecer no mundo.

(...) todos os ingredientes (...) estão lá, mas falta ainda um elemento embora ele (fotógrafo) não possa ainda dizer o quê. Até que alguma coisa se atravessa imprevisivelmente. (...) Sem o qual não passaria de uma imagem banal. A actividade do fotógrafo e do artista só pode, por isso, consistir numa expectante abertura ao momento extraordinário (Mendonça, 2014).

No contexto da sua obra fotográfica, existiram outras fotografias talvez tão ou mais importantes que esta. Contudo, para Castello-Lopes, esta foi a fotografia que ele reconheceria ter estado sempre presente, sem que ele soubesse. Não se tratava de uma mera representação de algo exterior e autoevidente. Como notado por Dubois,

A fotografia não se destina sempre estritamente apenas às representações “terrestres e humanas” que sempre lhe foram reconhecidas. A foto também pode fazer-nos descolar, fazer o real oscilar em direcção ao irrepresentável mais fundamental e mais experimental, pode-nos revelar o seu “ser-anjo”, esquecido ou oculto com demasiada frequência (Dubois, 1993: 268).

De algum modo, e por caminhos insuspeitos, a busca interior e o olhar do fotógrafo, cruzaram-se no ponto em que o mistério e a arte se encontram, onde o ‘ser-anjo’ pode ser encontrado ou o lugar secreto visitado.

Uma fotografia apenas e uma fotografia diferente, em que a realidade registada põe em causa o rigor do olhar mecânico, ou antes, faz do registo fotográfico a oportunidade de ver o que pode haver de estranho, de misterioso, na existência habitual dos objectos.

É através da natureza sensível do seu olhar que Castello-Lopes convoca o olhar-que-vê, para além do mundo físico, a possibilidade do impossível

acontece, o céu como mar e o céu na terra. A atitude poética abre o espaço para o lugar da criação artística.

O olhar é qualquer coisa de muito misterioso (...) o olhar é o utensílio privilegiado da libertação, é a espada que corta o nó, a mão que parte o ovo, a asa que sobrevoa o dedalo. Apliquei-me a olhar com “olhos de ver” e menos para corroborar maquinalmente certas ideias alienadas do real. Não é tão fácil tarefa quanto parece; o olhar de um adulto é diferente do de uma criança: perdeu-se a pureza, a inteireza, a inocência. (...) Munido da Leica, calcorreei as ruas de muitas cidades, as veredas de muitos campos para aprender a “ver” os outros. Intercalar uma objectiva entre os olhos e o sujeito foi excelente pedagogia e, se os resultados não trouxeram fama ou notoriedade, é certo que a fotografia me ensinou a ver melhor (Castello-Lopes, 2004: 39).

E assim, o que se vê num objecto é um outro objecto escondido, tudo é da ordem do mistério. A tensão e a queda são instauradas pela fotografia e esta pedra imagem feita em plano picado e, atenta às condições de luz perfeitas e à cumplicidade do mar, parece flutuar no espaço, liberta do peso, pelo olhar do fotógrafo. A foto revela o mar, a pedra e um facto de uma outra natureza, a pedra, o mar e o mistério.

A relação entre a poesia e o mistério constitui-se como uma chave que resolve o enigma. É na natureza deste sentir último, na evocação do mistério, que se situa

o paradoxo das aparências — o objectivo último da sua fotografia. O fotógrafo acreditava que a fotografia não era a coisa, nem sequer a representação da coisa, mas apenas a sua evocação (Calado, 2012: 69).

E, como notou Jean-Luc Godard: “a fotografia não é o reflexo do real, mas a realidade desse reflexo (...) em fotografia o que parece, não é” (Calado, 2012: 71).

O paradoxo está presente neste olhar transversal como revelação do ‘fragmento’, do real, daquilo “...que é verdadeiramente. O verdadeiro é o que corresponde ao real e real é o que é verdadeiramente. O círculo fechou-se” (Heidegger, 2014: 49).

Neste encontro com a obra de Castello-Lopes intui-se a duplicidade de um gesto onde se pressente o instante do olhar-que-vê, revelando o mistério. “E se existe, para tudo nesta vida, um momento decisivo, ele define, por isso mesmo, um corte: um antes e um depois” (Castello-Lopes, 2004: 27).

Considerações finais

É sobre a natureza da realidade das coisas que o trabalho fotográfico de Castello-Lopes se situa. Através da sua obra manifesta-se a sua busca interior e, simultaneamente, um resgatar da fotografia de uma representação da realidade que, durante muito tempo, a aprisionou.

Pode-se dizer que a sua obra nos remete para a possibilidade de existir uma relação entre o olhar-que-vê e o mistério. O olhar-que-vê não é o criador do mistério, ele detecta-o; o mistério existe já na atitude poética presente no olhar-que-vê. Mas, o olhar-que-vê, não sendo o criador do mistério, é também o mistério porque, se não visto, permanece na solidão da invisibilidade. Por outras palavras, o olhar-que-vê cessa, de algum modo, a invisibilidade do mistério revelando novas possibilidades. Para o mistério, o olhar-que-vê, é o outro, este outro que permite que esse mistério passe a habitar o olhar-que-vê, e instaura uma abertura e a possibilidade da obra de arte. Nesse momento, o olhar-que-vê torna-se criador e a obra criação, na medida em que o olhar-que-vê o mistério, convida o mistério a habitar o próprio olhar.

A dualidade sujeito / objecto é desfeita no momento em que o olhar-que-vê o mistério (não sendo sua criação) é já ele mesmo o mistério; é, pode-se dizer, um ‘olhar poético’ porque ‘criador’ do momento. Enquanto acto criativo, é ele próprio da ordem do mistério.

Poderá dizer-se que a natureza da obra de arte é o próprio mistério. A obra de arte só existe através do olhar-que-vê, que ao torná-la presente, apresenta o próprio mistério. Sendo a criação artística portadora do olhar-que-vê, dá origem à obra de arte. Uma vez criada, a obra apresenta e evoca o mistério, mas a possibilidade da obra de arte acontecer é (essa possibilidade em si própria) um fenómeno, e esse sim, é uma representação do mistério.

A ‘pele das coisas’ (Merleau-Ponty, 2009) é, neste sentido, a pele que mantém a invisibilidade do mistério e a sua solidão. *A Pedra*, de Castello-Lopes apresenta o mistério, não o representa, mas a possibilidade dela (fotografia) acontecer, representa o próprio mistério. E nessa medida poderá dizer-se que a verdade da arte é também a verdade do mistério. Atente-se que Castello-Lopes estava lá e que a sua espera revelou o acto criativo. Nesse sentido, o olhar-que-vê encerra também ele uma espera criativa. “Se não o esperarmos, não encontraremos o inesperado; ele não pode ser procurado e nenhum caminho nos conduz a ele” (Heraclito, 1980).

A arte concretiza-se na visibilidade. Os objetos de arte são significantes e o mistério é o significado. A pedra é a pedra enquanto objecto visível e, simultaneamente, ela permite ver ao olhar-que-vê o mistério presente. O olhar-que-vê

instaura e revela através de uma atitude poética o mistério presente em tudo e nele próprio. Ele revela e é revelado.

Mesmo que algo seja em si próprio, esse algo só existe quando o é para um outro e as diversas linguagens objectivam não o que esse algo é em si próprio, mas a sua existência para o outro. O olhar-que-vê é também mistério invisível para si próprio, que ao ser revelado se encontra. O que acontece ao artista é que ele encontra o próprio mistério na sua invisibilidade; ainda que nunca se veja a si próprio, vê-se nesse encontro. O encontro é sempre um fora que tem a sua gênese dentro. Percebemos a importância de estar presente ao sensível das 'coisas' e do olhar poético que nos permite ver para lá das 'coisas'.

Assim sendo, a fotografia de Castello-Lopes pode ser, do ponto de vista do olhar-que-vê, a coragem de abandonar o que nos é familiar e transversal no tempo, a linguagem transversal do olhar-que-vê que usa a representação para apresentar, revelando, a estranheza do visível. E, mesmo quando o visível nos é familiar, o invisível pode ser surpreendentemente não *estranho*.

Referências

- Calado, Jorge (2012) *Gérard Castello-Lopes: Aparições*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN 978-972-8462-60-4.
- Cartier-Bresson, Henri (2004) *O imaginário segundo a natureza*. Trad. Renato Aguiar. Amadora: Gustavo Gili ISBN 978-84-252-1958-0.
- Castello-Lopes, Gérard (2004) *Reflexões sobre fotografia: eu, a fotografia, os outros*. Lisboa: Assírio & Alvim. ISBN 972-37-0895-7.
- Dubois, Philippe (1993) *O ato fotográfico e outros ensaios*. 2ª ed. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, São Paulo: Papirus. ISBN 85-308-0246-2.
- Foucault, Michael (1988) *Isto não é um cachimbo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. ISBN 978-85-7753-031-1
- Heidegger, Martin (2014) *Caminhos da floresta*. 3ª ed. Trad. Irene Borges-Duarte. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN 978-972-31-0944-3.
- Heraclito (1980) *Fragmentos*. Ed. Bilingue com Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro.
- Mendonça, José Tolentino (2014-08-30) "Que coisa são as nuvens" *Expresso: Revista*.
- Merleau-Ponty, Maurice (2009) *O olho e o espírito*. 7ª ed. Trad. Luís Manuel Bernardo. Lisboa: Vega. ISBN 972-699-352-0.